



Richard Long e/and Konrad Fischer, 1988. Courtesy of Dorothee Fischer.

## Paisagem, Poesia ou Terra? § *Landscape, Poetry or Earth?*

Numa altura em que uma das principais preocupações da humanidade se prende com questões ambientais e de preservação do planeta Terra, a Land Art ou Earth Art como foi conhecido este movimento dos anos 1960 e 1970 – entenda-se arte que é feita directamente na paisagem, esculpindo a própria terra ou fazendo estruturas na paisagem usando materiais naturais, como pedras ou galhos –, torna-se, novamente, num assunto extremamente actual. Estas denominações de movimentos deixaram de ter expressão, mas as preocupações continuam presentes no trabalho de muitos artistas contemporâneos.

No contexto histórico, devemos entender que esta preocupação surge numa altura de grande convulsão, com a guerra do Vietname, Maio 68, as primeiras preocupações ecológicas, mas também numa altura em que as instituições tradicionais tinham “má fama”; estávamos perante a revolução sexual da geração jovem pós-guerra. Talvez estes momentos passados de ansiedade nos façam pensar nos momentos actuais: com os migrantes económicos e os refugiados, as guerras no Médio Oriente, a revolução de género e uma nova consciência ecológica a que assistimos, será que tudo isto nos fará, novamente, voltar à terra?

Falemos então de Terra ou Land Art, intervenção artística indissociável do lugar onde se realiza e na qual grande parte do seu sentido é a compreensão das características próprias da paisagem na qual se insere.

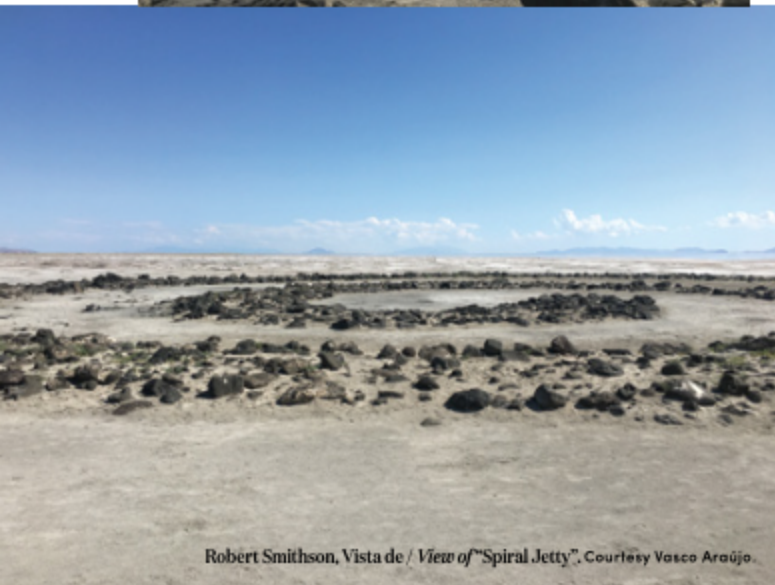
At a time when one of humanity’s greatest preoccupations is concerned with environmental questions and the preservation of planet Earth, Land Art or Earth Art as this movement from the 60s and 70s came to be known – that is, art made directly from the landscape, sculpting the earth itself or building structures on the landscape using natural materials, such as stones or branches, has once again become a very pertinent subject. The denominations of such movements have since lost their expressiveness, yet the concerns continue to be the subject of many contemporary artists.

Within a historical context, these preoccupations emerged at a time of great social unrest, with the Vietnam war, May 68, the first environmental concerns, but also at a time when traditional institutions had earned ‘a bad name’ for themselves; and we were confronted by the sexual revolution of the post-war generation. Perhaps these past moments of anxiety might remind us of the present time: the economic migrations and refugees, the war in the Middle East, the gender revolution and a new ecological awareness. Will all these things make us, once again, turn to Earth?

And so, let’s speak again of Earth or Land Art, an artistic intervention that is inseparable from the place where it is carried out and in which most of its meaning implies an understanding of the unique characteristics of the landscape it is found in.

Para Robert Smithson (New Jersey, 1938–73), pioneiro deste movimento nos EUA, a paisagem era um modo de organizar visualmente o mundo, sendo a sua obra mais icónica o *Spiral Jetty*, em Salt Lake City (1970). Smithson mudou as noções de arte contemporânea retirando-a da galeria e entrando na paisagem não cultivada que, mais tarde, Richard Long trouxe de volta à galeria. Embora alguns artistas, como Smithson, usassem equipamentos mecânicos de terraplanagem para fazer suas obras de arte, outros fizeram intervenções mínimas e temporárias na paisagem, como Richard Long (Bristol, 1945), onde o acto de caminhar, na solidão, servia para criar as suas obras de arte. Numa entrevista em 1995, Long afirma: "Mas eu não pretendia pintar a relva, queria pisá-la." Este carácter temporário da sua obra iria mudar a forma como olhamos para a paisagem, que se torna suporte e matéria de trabalho do artista.

A paisagem já não é só retratada como o foi ao longo da história, mas ela própria se torna obra de arte. ▲



Robert Smithson, Vista de / *View of "Spiral Jetty"*, Courtesy Vasco Araújo.

For Robert Smithson (New Jersey, 1938–73), a pioneer in this movement in the USA, the landscape was a way of visually organising the world, with his most iconic work being *Spiral Jetty*, in Salt Lake City (1970). Smithson changed the notions of contemporary art, removing it from the galleries and locating it in uncultivated landscapes, which Richard Long would later bring back to the art gallery. Although some artists, such as Smithson, might have used mechanical earth-moving equipment to make their works of art, others carried out minimal and temporary interventions on the landscape, such as Richard Long (Bristol, 1945), where the act of walking, in solitude, enabled the creation of his works of art. In a 1995 interview, Long states "But I didn't want to paint the grass, I wanted to walk on it." The temporary nature of his artwork would change the way we look at the landscape, which becomes the support and material for the artist's work.

The landscape is no longer simply portrayed in the way it has been throughout history, but has itself become a work of art. ▲



Richard Long, Vista da Instalação / *Installation view*, 2019. Courtesy Galleria Lorcan O'Neill.



Richard Long, "Granite Crossing and Spring", 2019. Courtesy Konrad Fischer Galerie.